



A experiência dos agentes populares de saúde do campo no Movimento Sem Terra (MST) de Pernambuco

The experience of popular health agents in the Landless Workers' Movement (MST) in Pernambuco

FREITAS, Rosângela Maria Monteiro de¹; SARMENTO, Camila de Lima²; CAMPIGOTTO, Andreia Cristina¹; SILVA, Maria José da¹; FREITAS, Maria José de¹; LEITE, Natanael da Silva¹; SANTOS, Rosicleide Serafim dos¹; ARAÚJO, Rosineide Maria Andrade de¹; FERREIRA, Cícero¹.

¹ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), rosefreitas06@yahoo.com.br; ² Educadora Popular, Movimento Popular de Saúde (MOPS) e Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS) e Doutoranda IAM-FIOCRUZ-PE, camilasarmento@gmail.com.

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Agroecologia e Saúde.

Apresentação e Contextualização da experiência

Os Agentes Populares de Saúde do Campo (APSC) surgem em 2020, durante a maior crise sanitária do Brasil e do mundo, a pandemia da COVID-19, que emerge em um momento de crise estrutural do capitalismo a nível mundial, produzindo fortes impactos econômicos, sociais e ambientais. No Brasil vivenciávamos o descaso, a falta de liderança e de estratégias para conter o avanço do vírus, com a produção de políticas negacionistas, eugenistas e genocidas, durante o governo Bolsonaro (2019 – 2022).

Diante disso, a campanha Mãos Solidárias de Pernambuco, integrante da Campanha Nacional Periferia Viva, que faz da Solidariedade Ativa um meio para a sua organização, avançou nos acampamentos e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), formando APSC, que atuam na orientação, educação, vigilância e promoção da saúde.

O MST já desenvolvia no decorrer de suas lutas uma Pedagogia própria, a Educação Popular freireana na prática, que influenciou a construção das políticas públicas de saúde com concepções e estratégias de participação. Investiram no poder de articulação, de controle social e no trabalho de base. Tendo na pedagogia crítico-dialética o arranjo pedagógico para emancipação dessa população, sendo importante para a definição de paradigma emergente da determinação social, da promoção da saúde, da equidade, da integralidade e do cuidado, onde a solidariedade e a democracia estejam na base, como fundamento.

Nesse sentido, o MST tem atuado no fortalecimento da saúde com educação popular e lutas em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), apresentando um projeto de sociedade, diante da luta pela reforma agrária popular, pela agroecologia e pela Saúde Popular.



Na saúde do campo existe uma grande dificuldade de acesso aos serviços de saúde e uma invisibilidade dessa população nos sistemas de informação do SUS, associado a convivência de problemas de saúde da vida urbana e rural. A pandemia protagonizou a formação das(os) APSC, que se organizam em coletivos no MST. No trabalho dos APSC, tem sido sentida a dificuldade de acesso às unidades de saúde da família, devido à distância, falta de transporte ou ausência dos agentes comunitários, demonstrando insuficiência no modelo atual de atenção básica para a saúde do campo.

Por outro lado, os APSC têm desenvolvido práticas tradicionais e populares de cuidado à saúde com as(os) assentadas(os), práticas que são exitosas e estão intimamente ligadas à terra, à agroecologia e ao modo de produzir a vida.

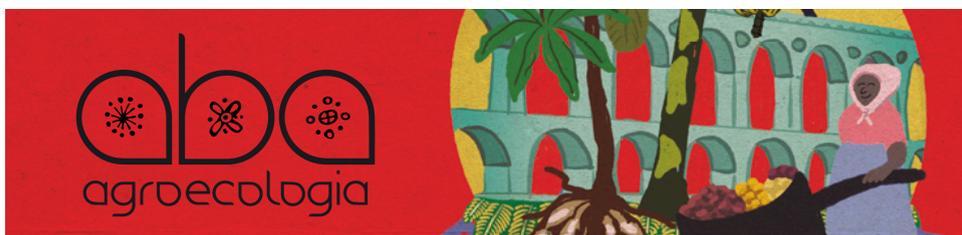
Desenvolvimento da experiência

Em Pernambuco, o MST junto com a Universidade Federal de Pernambuco e a Fundação Oswaldo Cruz, deram início ao curso de formação APSC contribuindo na difusão de informações baseadas na ciência, além de proporcionar soluções coletivas de proteção, cuidado, organização popular e luta por direitos nesses territórios.

A formação dos APSC se deu de forma similar ao que ocorre nos cursos de formação do MST, com a utilização da pedagogia da alternância (tempo escola e comunidade), em que o processo está totalmente integrado com a vida e a forma em que ela se relaciona com a natureza e os territórios. Onde se discutiu as formas de prevenção da COVID-19, desde como lavar as mãos, até o cuidado para não tocar nos olhos, nariz, na boca, o uso de máscaras. Os cuidados que a gente tem com as pessoas que estão ao nosso redor para manter uma distância de um metro e meio e uma lista das atribuições que o Agente Popular deve desempenhar na sua comunidade. A importância da própria vacinação, como a principal resposta científica do campo da saúde contra a Covid-19, aliada aos cuidados comunitários de prevenção.

Foi produzida uma cartilha didática de subsídio à formação de formadores(as) de Agentes Populares de Saúde do campo pela campanha Mãos Solidárias. Em realização feita pelas organizações e instituições integrantes da campanha, a publicação tem o selo Fiocruz Tá Junto, concedido pela Fundação Oswaldo Cruz, com apoio da Rede Nacional de Médicos e Médicas Populares, Centro Brasileiro de Estudos em Saúde (CEBES), Fundação Rosa Luxemburgo, com materiais produzidos por uma grande rede de profissionais do campo da saúde – sanitaristas, enfermeiros(as), assistentes sociais, entre outros.

O lema do trabalho voluntário dos APSC é: “O povo cuidando do povo e em defesa do SUS” e, se desenvolve por meio de mobilização, organização, estudo e luta estratégica, coletiva e popular para o conhecimento e reconhecimento da importância do SUS, enquanto política pública e gratuita. E nos aproxima de outras formas de cuidado em saúde na vida do cotidiano e no conhecimento nele contido, com o resgate e valorização das práticas populares e tradicionais de cuidado das parteiras, rezadeiras, benzedadeiras, a medicina da natureza.



As(os) APSC formadas, atuam no trabalho comunitário voluntariamente e somam esforços aos serviços oferecidos pelo SUS, atuando em conjunto com às Agentes Comunitárias de Saúde e à Equipe de Saúde da Família, que se iniciou no enfrentamento à pandemia da COVID-19 nos territórios e segue com as práticas de educação em saúde para promoção, prevenção e cuidado à saúde das(os) camponesas(es).

Onde o governo não se fez presente com a atenção básica para com a população (especialmente a população em maior situação de vulnerabilidade social), o MST esteve distribuindo alimentos vindos das áreas do próprio movimento, produzindo e entregando máscaras, ajudando na construção de hortos medicinais, de farmácias vivas e direcionando os cuidados primários com a saúde. O curso de agentes populares, que partiu de uma elaboração cuidadosa e coletiva de trabalhadores da área da saúde e militantes do setor de saúde do MST, que levava em consideração todas as particularidades das populações as quais o curso se direcionava, cumpriu um papel político e social fundamental - e continua a cumprir.

Desafios

Diante da crise agravada pela pandemia da Covid-19, formar APSC faz parte da estratégia política do MST, já que o maior desafio é forjar o cuidado e a organização popular para além da pandemia. O momento exige reinventar formas de lutas, de cuidado e avançar rumo a um projeto popular para o Brasil e para o SUS.

A partir dos encaminhamentos do 1º Encontro dos APSC de PE, reunidos no território livre do assentamento Normandia nos dias 18 e 19 de junho de 2022, pode-se priorizar a necessidade de ampliação do curso e de atuação dos APSC, o que se torna possível a partir de todo o impacto positivo que o curso e as ações posteriores dos próprios agentes tiveram nesses territórios e nas vidas da população que neles vivem. Considerando a atual conjuntura e a necessidade de construir um país que caiba nosso projeto de vida, de solidariedade e cuidado da natureza, que derrote essa realidade de pandemias de violência, fome, concentração de renda, terras e riqueza.

Desta forma, destacamos alguns desafios, como: Garantir a continuidade no cuidado com a terra e os territórios também através do plantio de árvores em nossos territórios; a completa resolução dos problemas de resíduos e garantir 100% dos territórios do campo com saneamento rural e com abastecimento e armazenamento de água; a garantia do acesso aos cuidados em saúde na totalidade dos territórios do campo em Pernambuco; formar novas turmas de agentes populares de saúde do campo e garantir a continuidade da formação das turmas já formadas, com a realização do diagnóstico de saúde dos territórios; construir e cuidar dos nossos espaços de cuidado de saúde em nossos territórios; fortalecer nossas práticas populares de cuidado; defender que o campo deve ser um local bom de se viver, com todas as políticas públicas que possibilitem a permanência no campo e a produção de alimentos agroecológicos; espaços de sociabilização; e participar com nossos produtos nas feiras da Reforma.



Os desafios giram em torno da potencialização do curso e da atuação dos APSC nos territórios onde já existem, e da expansão para mais áreas de assentamentos e acampamentos do movimento, além da adaptação do curso para a nova conjuntura do país, especialmente após as eleições de 2022, e para além da COVID-19, com uma maior abrangência de métodos de cuidado coletivo.

Principais resultados alcançados

Produção de práticas populares e tradicionais de cuidado pelos APSC para a promoção da medicina da natureza e de Territórios Saudáveis e Sustentáveis, numa perspectiva decolonial. Hortas medicinais e produção de fitoterápicos. Realização dos espaços de cuidados nas feiras com rodas de conversa e práticas tradicionais e integrativas de cuidado.

Essa experiência do curso das(os) APSC questiona o estatuto epistemológico da ciência hegemônica eurocêntrica, acrítica, positivista e cartesiana, e a sua insuficiência para produzir uma Saúde Coletiva que defenda o bem viver nos territórios de identidade social da vida e da natureza. Por isso, resgatamos o estatuto epistemológico do conhecimento popular para a construção científica, valorizando a potencialidade da identidade com a cultura popular, já que a participação popular defendida pelo SUS deve ocorrer em diálogo com as classes populares, para compreender: O que elas são? Como organizam o trabalho? Quais práticas de saúde estão produzindo? Esse diálogo com situações vividas com o MST, visa buscar elementos empíricos para refletir e repensar a teoria, pois a reflexão teórica é produzida em diálogo com a prática, a práxis dialética defendida por Paulo Freire em sua visão de mundo da Educação Popular, e assim encarnamos o conhecimento popular, tradicional e ancestral como caminho para compreender as mudanças e necessidades sociais.

O MST PE conta com 19 regionais, 226 assentamentos com um total de 14 mil famílias, 143 acampamentos com 16 mil famílias acampadas, somando 30 mil famílias Sem Terras no estado. Até o presente momento o curso dos APSC foi desenvolvido nas regionais Metropolitana, Brejo, Mata Sul, Galileia, Agreste Setentrional, Agreste Central e Sertão do São Francisco, formando 170 APSC, que seguem atuando em seus territórios com o acompanhamento das famílias, onde cada agente fica responsável por 10 famílias.

Disseminação da experiência

Os saberes e as práticas ancestrais e tradicionais de cuidado (plantas medicinais, alimentação saudável, parteiras, rezadeiras e benzedadeiras) utilizadas pelas(os) APSC, permitirá subsidiar ações de cuidado à saúde no âmbito da saúde do campo, numa perspectiva decolonial de cuidado, pois além de questionarem a medicina ocidental, colaboraram no alcance da justiça social e cognitiva, sendo uma possibilidade para indicar caminhos para a promoção dos Territórios Saudáveis e Sustentáveis (TSS).



Nesse sentido, o MST tem atuado no fortalecimento da saúde com educação popular e lutas em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), apresentando um projeto de sociedade, diante da luta pela reforma agrária popular, pela agroecologia e pela Saúde Popular, que se alinha ao projeto da Reforma Sanitária Brasileira (RSB) e do Sistema Único de Saúde (SUS).

Desta forma, essa experiência com os APSC também foi desenvolvida em outros movimentos do campo. E se espera ampliar a formação e a organização das ações para acompanhamento das famílias, articulando as dimensões do cuidado e da luta de maneira coletiva, atuando na conquista e no fortalecimento da saúde coletiva, com o resgate de saberes e práticas tradicionais e ancestrais de cuidado, com educação popular e lutas em defesa do SUS e da vida.